

## **AVALIAÇÃO CRÍTICA DO REINADO DE MANASSÉS** **“Abandonarei o resto da minha propriedade” (2Rs 21,14)**

Matthias Grenzer

É interessante observar como o Antigo Israel refletiu sobre a sua história. Todo o entusiasmo por seu Deus, por sua terra e por seu povo não impediu que os autores bíblicos avaliassem de um modo crítico as diferentes experiências no caminho histórico e seus personagens centrais. “Israel nunca caiu na loucura de negar suas falhas ou disfarçá-las. Nem glorificou suas origens e nem mistificou sua história” (Zenger, 172). Os *Livros Históricos* são marcados por essa perspectiva. Não são historiografia no sentido de relatar apenas a cronologia de acontecimentos históricos, mas interpretação e avaliação crítica da história a partir da fé. Dessa forma, os Livros Históricos assumem um caráter profético e são instrutivos para as gerações futuras. São como museus modernos que querem ensinar algo ao visitante; o interesse documental está em segundo plano.

Faço a leitura de um texto do segundo livro dos Reis: 2Rs 21,1-18, onde é apresentado e avaliado o reinado do rei Manassés.

### **1. Tradução do texto hebraico**

*(1) Manassés tinha doze anos quando se tornou rei, e reinou cinqüenta e cinco anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Hafsibah.*

*(2) Ele fez o mal aos olhos do Senhor conforme as abominações das nações que o Senhor havia desapossado diante dos filhos de Israel. (3) Ele voltou e construiu os lugares altos que Ezequias, seu pai, havia destruído. Ergueu altares a Baal e fez uma Asherá, como fizera Acab, rei de Israel. Prostrou-se diante de todo o exército do céu e serviu-lhe. (4) Construiu altares na casa do Senhor, da qual o Senhor dissera:*

*“Em Jerusalém colocarei o meu nome”.*

*(5) Construiu altares para todo o exército do céu nos dois pátios da casa do Senhor. (6) Fez passar seu filho pelo fogo. Praticou feitiçaria e praticou adivinhação. Instituiu necromantes e adivinhos. Multiplicou o que é mau aos olhos do Senhor, de modo a provocá-lo. (7) Instalou a imagem de Asherá que fizera na casa, da qual o Senhor dissera a David e a Salomão, seu filho:*

*“Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi entre todas as tribos de Israel, colocarei o meu nome para sempre. (8) Nunca mais deixarei vaguear o pé de Israel longe da terra que dei a seus pais, contanto que eles se empenhem em*

*praticar tudo o que lhes ordenei, de acordo com toda a instrução que meu servo Moisés lhes ordenou”.*

(9) *Eles, porém, não escutaram. Manassés os seduziu para fazer o mal ainda mais do que as nações que o Senhor exterminara diante dos filhos de Israel. (10) Então o Senhor falou por intermédio dos seus servos, os profetas, dizendo:*

*(11) “Porque Manassés, rei de Judá, fez essas abominações, praticando um mal maior do que fizeram antes dele os emoritas, e porque também induziu Judá a errar com os seus ídolos, (12) por isso, assim fala o Senhor, Deus de Israel: Eis que deixo vir uma desgraça sobre Jerusalém e Judá, de modo que vibrem os dois ouvidos de quem escuta dela. (13) Estenderei sobre Jerusalém o cordão de Samaria e o nível da casa de Acab. Limparei Jerusalém como se limpa uma tigela: limpa-se e vira-se para baixo. (14) Abandonarei o resto da minha propriedade e o darei nas mãos dos seus inimigos. Servirão de despojo e de pilhagem para todos os seus inimigos, (15) porque fizeram o mal a meus olhos e me provocaram, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje”.*

*(16) Manassés também derramou sangue inocente. Ele fez isso tão freqüentemente que encheu Jerusalém de um lado a outro, sem falar do seu pecado de induzir Judá a errar, para fazer o mal aos olhos do Senhor.*

*(17) Os demais atos de Manassés, tudo o que fez, o (seu) pecado que cometeu, não estão esses escritos no livro dos Anais dos reis de Judá? (18) Manassés adormeceu junto de seus pais e foi sepultado no jardim de sua casa, o jardim de Uzá, e seu filho Amon tornou-se rei em seu lugar.*

## 2. Rei sob o domínio assírio

Os v. 1.17-18 dão as notícias cronológicas. Dos reis da dinastia de Davi, que governaram mais do que quatro séculos em Jerusalém (1004?-587/6 aC, o reinado de cinquenta e cinco anos de Manassés teve a maior duração. Subiu ao trono no início do século VII aC (698?) para reinar até o ano 642 (cf. a datação dos dinastas em Cogan e Tadmor, 341-343).

As fontes para o conhecimento de Manassés são, em primeiro lugar, os livros dos Reis e das Crônicas que devem ser analisados tendo em vista o seu caráter literário-teológico: cf. 2Rs 21,1-18; 23,26-27; 24,3-4; 2Cr 33,1-10. Além das referências bíblicas, Manassés aparece em dois documentos assírios. A primeira vez, seu nome é mencionado entre vinte e dois reis num texto (prisma A) da época do rei Asaradon (681-669):

*“Eu mobilizei os reis de Hatti e do Além-Eufrates (literalmente: do outro lado do rio): Ba’llu, rei de Tiro, Manassés, rei de Judá, ..., juntos vinte e dois reis de Hatti, da costa do mar e das (ilhas) no meio do mar, e dei-lhes ordens para transportar... sob grandes dificuldades o que foi necessário para meu palácio em Nínive, a cidade do senhor” (Cogan e Tadmor, 339).*

Uma segunda vez, o nome de Manassés encontra-se num documento (prisma C) do rei Assurbanipal (669-627). Novamente, Manassés é lembrado entre vinte e dois reis vassallos que deram apoio ao rei assírio na conquista do Egito (cf. Borger, 397).

Já fazia tempo que a força do império neo-assírio dominava o Oriente Próximo. O reino do Norte, Israel, separado de Judá desde a morte do rei Salomão em 928, provavelmente, começou a pagar tributos à Assíria em 841 aC. A estela de Tell al-Rimah do rei assírio Adadnirari III (811-783) (cf. Cogan e Tadmor, 335) menciona “o tributo de Joás de Samaria”, rei de Israel (800-784). A situação agravou-se com a subida de Teglat-Falasar III ao trono da Assíria (745-727). Depois de campanhas militares na Síria Central, em 738, vários Estados “apressaram-se a pagar contribuições ao grande rei assírio e a assegurar-lhe a sua submissão” (Donner, 350). A estela de Irã (cf. Cogan e Tadmor, 335) lembra “*Manaém de Samaria*”, rei de Israel (747-737), como um dos tributários. A história de Israel aproximou-se de seu fim quando Facéia (735-732) e o rei arameu Rasin, vizinho setentrional, formaram uma coalizão antiassíria. No momento em que reuniram as suas forças contra Judá para obrigar o rei Acaz (743-727) a participar da coalizão, este pediu ajuda a Teglat-Falasar III. A reação do rei assírio trouxe graves conseqüências para Israel: invasão militar (733), redução do território à região de Efraim, anexação da Galiléia e de Galaad à Assíria, deportação da classe alta e substituição dela por estrangeiros. O rei Facéia foi vítima de uma *conspiração* (2Rs 15,30) ou *exilado* (inscrição sumária de Teglat-Falasar III, cf. Cogan e Tadmor, 335). Os assírios confirmaram Oséias (732-724) “como dinasta-vassallo dependente do Estado truncado” (Donner, 354). Uma nova *conspiração* em 724 significou o fim definitivo de Israel. O rei assírio Salmanasar V *invadiu toda a terra e pôs cerco a Samarra durante três anos* (2Rs 17,5). Em 722, Israel foi transformado na província assíria de Samaria. Na inscrição do prisma A (cf. Cogan e Tadmor, 336), Sargon II, rei da Assíria (722-705), vangloria-se de ter “*contado como despojo 27.280 pessoas junto com suas carruagens e os deuses nos quais confiaram*”. Do reino de Davi e Salomão, apenas o reino do Sul, Judá, sobrou agora como *resto*.

Qual foi a sorte de Judá perante o poder do império neo-assírio? É provável que Judá começou a pagar tributos a partir de 738 (veja os argumentos de Donner, 350s). De certo, Acaz tornou-se vassallo em 734, chamando a ajuda de Teglat-Falasar III contra Aram e Israel. O primeiro grau de vassalagem previa o pagamento de “tributos regulares, na maioria das vezes anuais, e, dependendo das circunstâncias, exigência de tropas auxiliares” (Donner, 342). Seguiu-se um período de relativa tranqüilidade por Acaz e seu sucessor Ezequias (727-698) não terem se envolvido em revoltas contra a Assíria. Isso mudou depois da morte de Sargon II. Em 705 aC, Ezequias encabeçou uma revolta contra a Assíria. “Os aliados suspenderam, de comum acordo e de uma só vez, os tributos ao grande rei” (Donner, 369). Por problemas em outras regiões, o novo rei assírio Senaquerib (705-681) dirigiu-se apenas em 701 a Judá. A inscrição no prisma de Rassam (Cogan e Tadmor, 337-338) documenta a catástrofe sofrida por Judá:

“Em vista de Ezequias, o Judaíta, que não se submeteu ao meu jugo, eu cerquei 46 de suas cidades fortificadas e os inúmeros vilarejos em redor delas. Usando rampas sólidas e empregando aríetes, ataques da infantaria e túneis, armas carregadas pela culatra e máquinas de cerco, conquistei-os. Exilei 200.150 pessoas, jovem e velho, homem e mulher, cavalos, mulas, jumentos, camelos, gado e ovelhas sem número, e contei-os como despojo. Ele próprio, fechei-o em Jerusalém, sua cidade real, como um pássaro na gaiola”.

O território do rei de Judá estava reduzido à cidade de Jerusalém. Em vista do reino de Davi, do *resto* Judá tinha sobrado apenas um *resto*. Ezequias submeteu-se novamente ao rei assírio e tinha que pagar um tributo mais alto (cf. 2Rs 18,14-16). Não se sabe exatamente a razão de Senaquerib não ter insistido na conquista de Jerusalém, na troca do dinasta e na diminuição definitiva do território de Judá, o que se previa no caso de um Estado voltar a conspirar. Os autores bíblicos interpretaram o fato de o rei assírio ter levantado o sítio de Jerusalém como salvação milagrosa realizada pelo *Anjo do SENHOR* (cf. 2Rs 19,35-36; 2Cr 32,21-22; Is 37,36-38). Talvez Senaquerib tivesse interesse em manter vivos alguns Estados nessa região como pára-choques, principalmente em relação ao Egito (cf. Donner, 374).

Foi nessas circunstâncias de domínio assírio que Manassés subiu ao trono de Judá (698-642). Uma nova tentativa de revolta teria significado a aniquilação do Estado de Judá e a transformação dele numa província assíria, como no caso de Israel em 722. Portanto, Manassés praticamente apenas podia submeter-se à condição de vassalo de Assur pagando os tributos exigidos (cf. os textos de Asaradon e Assurbanipal vistos acima).

### 3. Obrigado a seguir a religião estrangeira?

É interessante observar que o texto de 2Rs 21,1-18 não discute a submissão de Manassés ao poder assírio ou o pagamento dos tributos. Não existia a possibilidade de fugir da imposição violenta e da política expansionista dos assírios. O império neo-assírio estava chegando ao seu auge. Em 671, Asaradon conquistou até o Egito. A Assíria começou a enfraquecer (cf. a perda do Egito em 655), quando Manassés já estava no fim do seu governo.

A crítica de 2Rs 21 a Manassés insiste em um outro assunto: a sua atitude e política religiosa. O rei *voltou a construir lugares altos* (v. 3a), *ergueu altares a Baal e fez uma Asherá* (v. 3b), *prostrou-se diante de todo o exército do céu e serviu-lhe* (v. 3c), *construiu altares para todo o exército do céu nos dois pátios do Templo do Senhor* (v. 4.5), *instalou a imagem de Asherá no Templo* (v. 7), *fez passar seu filho pelo fogo* (v. 6a), *praticou feitiçaria e adivinhação* (v. 6b) e *instituiu necromantes e adivinhos* (v. 6c). Com tudo isso, *induziu e seduziu Judá a errar com os seus ídolos* (v. 11.9.16).

É possível que as antigas divindades cananéias *Baal* e *Asherá* representem agora divindades assírias como *Ashur* e *Ishtar* (cf. a discussão de Donner, 377-386), porém o texto não fornece indícios claros para essa afirmação. “Não há nada de particular-

mente mesopotâmico. Os textos bíblicos são por demais genéricos. Não permitem uma identificação definitiva dos deuses cananeus com os deuses astrais da Assíria” (cf. Cogan e Tadmor, 266). Em todo caso, a crítica a Manassés deixa claro que a crise provocou uma restauração da crença nos deuses dos povos vizinhos, assim como dos cultos e das práticas ligados a eles.

Manassés é visto como responsável por essas mudanças. “Não há nenhuma evidência de que a Assíria exigiu adesão a práticas religiosas assírias ou interferiu em qualquer sentido nos cultos originários dos seus vassalos. Nenhum tratado assírio de vassalagem contém cláusulas que se referem a assuntos de culto” (Cogan e Tadmor, 272). A situação desastrosa fez Manassés e a população, o *resto*, perderem a esperança no Deus da história do seu povo. Com isso, Manassés não seguiu o caminho do seu pai Ezequias, que tinha tentado uma reforma religiosa no sentido contrário (cf. 2Rs 18,4-6).

### 4. O resto abandonado

Os Livros Históricos, especialmente a obra do deuteronomista nos livros Js–2Rs, são teologia da história. Nela, a história de Israel é refletida como conduzida por Deus. A revelação fundamental desse Deus aconteceu no Êxodo: *O Senhor nos fez sair do Egito..., nos fez chegar a este lugar e nos deu esta terra* (Dt 26,8-9). O Êxodo é “lembração normativa e critério histórico-teológico para a avaliação das diversas experiências na história de Israel” (cf. Zenger, 1995, 126).

O Êxodo também é o pano de fundo para a avaliação do governo de Manassés em 2Rs 21,1-18. A política religiosa desse rei, que deu continuação ao comportamento da maioria dos seus antecessores, é avaliada como abandono do Deus Libertador. Em vista disso, o autor sentiu-se motivado a um desabafo geral. Olhando mais do que meio milênio, a história de Israel sempre foi uma *provocação* ao Deus do Êxodo, *desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje* (v. 15). O povo não se preocupou com a *instrução que Deus lhes tinha ordenado através de Moisés* depois da saída do Egito (cf. v. 8), mas abandonou a fé dos antepassados e o instrumento que podia ter ajudado na construção de uma sociedade justa e na preservação da liberdade recebida no Êxodo. Porém, *Israel e Judá deixaram-se induzir pelos reis a errar com os ídolos das outras nações* (cf. v. 11). Em estilo profético, com a apresentação de um juízo divino (v. 10-15), o leitor é alertado sobre as conseqüências desse caminho: *Abandonarei o resto da minha propriedade*.

O substantivo *resto* aparece em 1/2Rs apenas três vezes e ajuda a formar um contraste entre os reis Ezequias (727-698) e Manassés (698-642). A avaliação de Ezequias pelo deuteronomista é positiva. Realizando certas reformas religiosas, este *pôs a sua confiança no Senhor, Deus de Israel* (cf. 2Rs 18,3-5). Quando Jerusalém foi cercada pelo exército assírio, Ezequias, o *pássaro na gaiola*, pediu a Isaías *fazer uma prece a favor do resto* (2Rs 19,4). O profeta Ihe formulou uma palavra de esperança: *De Jerusalém sairá um resto, e do monte Sião, sobreviventes. O zelo do Senhor*

dos exércitos fará isto (2Rs 19,31). O resto, sendo “sinal da fidelidade de Deus, de sua misericórdia e do seu perdão, acima da necessidade do juízo” (Wildberger, 849), garantiria ao povo inteiro um futuro. Manassés, por sua vez, através de uma política religiosa contrária àquela do seu pai, colocou a esperança do resto novamente em risco. Trata-se de um resto abandonado, imagem de caminho errado e impossibilidade de salvação. Abandonando o Deus do Êxodo na crise, Manassés e o povo perderam aquele que poderia garantir novamente a libertação e ser motivo de esperança para um futuro melhor.

Matthias Grenzer  
Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI  
Caixa Postal 400  
Mogi das Cruzes, SP  
08701-970

### Bibliografia

- BORGER, Rykle, HINZ, Walther e RÖMER, Willem H. Ph. *Historisch-chronologische Texte I. Texte aus der Umwelt des Alten Testaments I/4*, Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus 1984.
- COGAN, Mordechai & TADMOR, Hayim. *II Kings. A New Translation with Introduction and Commentary*. The Anchor Bible 11. Nova Iorque: Doubleday 1988.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes 1997, vols. 1 e 2.
- WILDBERGER, Hans. s'r übrig sein. In: JENNI, Ernst & WESTERMANN, Claus. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Band II. 3ª ed. München: Christian Kaiser 1984.
- ZENGER, Erich. *Ich will die Morgenröte wecken. Psalmenauslegungen*. Freiburg im Breisgau: Herder 1991.
- ZENGER, Erich et alii. *Einleitung in das Alte Testament*. Studienbücher Theologie 1,1. Stuttgart: Kohlhammer 1995.